



Celso Lafer, Mário Amato, Arthur João Donato e Luiz Antônio Fleury, otimistas com o acordo

O presidente da Fiesp, Mário Amato, comemorou ontem no Palácio do Planalto a notícia do fechamento do acordo para pagamento da dívida externa brasileira. Ele disse que desde a noite de quarta-feira, quando foi finalizado o acordo, o Brasil "saiu de um estado de depressão e entrou em um estado de euforia". Outros dois empresários, o senador Albano Franco, presidente da CNI, e o proprietário do grupo Itamaraty, Olacyr de Moraes, também festejaram o fechamento do acordo da dívida.

Eduardo Modiano, presidente do BNDES, disse não conhecer os termos do acordo, mas estou "extremamente satisfeito que se tenha chegado a um final feliz nas negociações, que deveão impulsionar os investimentos estrangeiros no País, inclusive dentro do próprio programa de privatização. O acordo representa a normalização das nossas relações com a comunidade financeira internacional. Vai dar maior segurança aos investidores estrangeiros para poderem fazer investimentos de longo prazo no País. Espero que isso estimule a demanda e gere uma participação dos investidores estrangeiros no nosso programa".

O vice-presidente Corporativo da Autolatina, Miguel Jorge, vai facilitar muito a retomada dos investimentos e vai reinserir o Brasil na comunidade financeira internacional. O acordo dá mais segurança às empresas estrangeiras que pretendem manter seus investimentos no País".

Olacyr de Moraes, dono do Grupo Itamaraty, lembrou que "o Brasil estava marginalizado no mercado financeiro no mundo. Ninguém mais queria investir aqui. Qualquer fato que traga alento para a economia nesse momento é importante, porque ameniza os problemas políticos que estamos vivendo. O Brasil deve comemorar isso. O que não pode acontecer é o País ficar parado. Precisamos trabalhar. Foi uma coisa boa, mas salvação, não".

"A assinatura do acordo assinala o momento em que o País vai retomar o caminho do crescimento econômico", disse o presidente da Federação das Indústrias do Esta-

do do Rio de Janeiro (Firjan), Arthur João Donato. Ele citou como vantagem "o horizonte econômico que se abre para o País, na medida em que se poderá obter novos investimentos externos, a fim de que o Brasil possa se programar para o futuro". Mas ressaltou que será primordial a aprovação, por parte do Congresso Nacional, da reforma fiscal e tributária.

O governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho, disse acreditar que com o acordo será possível ao País retomar os investimentos externos. Segundo ele, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, e sua equipe estão de parabéns, "pois tudo indica que o nosso acordo é melhor do que os que foram feitos por outros países".

Para o presidente nacional do PMDB, Orestes Quércia, "um dos aspectos mas negativos da crise brasileira era este acordo da dívida externa estar até agora sem assinatura. Acho que foi positivo, embora tenhamos assinado um acordo sem privilégios, um acordo de país pobre e endividado. Ele dá possibilidade ao Brasil de voltar ao convívio internacional e quem sabe receber investimentos estrangeiros. Mas é preciso destacar que a crise é mais séria ainda no governo e precisa ser resolvida para que o País volte a crescer e se estabilizar".

Agripino Maia, governador do Rio Grande do Norte, acredita que "o da dívida é um passo muito importante para a entrada de novos recursos, que incrementarão a economia. Ele dará melhores condições de vida à população brasileira. O fechamento do acordo vai dar uma nova postura e posição aos governadores para negociarem novos empréstimos para seus Estados, com banqueiros internacionais, ajudando também na agilização da liberação dos recursos. A condição de vida dos brasileiros vai melhorar a partir do fechamento deste acordo".

Jaime Campos, governador de Mato Grosso, considerou o fechamento do acordo "altamente positivo para o Brasil. Acredito que o País poderá agora alavancar recursos externos para buscar a retoma-

da do desenvolvimento econômico. O acordo foi feito em parâmetros, que permitirão ao Brasil cumprir seus compromissos, sem sacrificar seu povo. Isso vai permitir não só ao Governo Federal captar novos recursos, como também aos governos estaduais. Tenho a certeza que, a partir de agora, os governos estaduais poderão encaminhar projetos aos bancos que tenham interesse no Brasil e não só ao BID e Bird".

O governador do Rio Grande do Sul, Alceu Collares, disse acreditar que a renegociação irá possibilitar maior ingresso de capitais estrangeiros no País. "Além disso, as condições acertadas com os bancos estrangeiros foram razoavelmente boas".

O de Pernambuco, Joaquim Francisco Cavalcanti (PFL), disse que o acordo amplia as perspectivas de investimentos estrangeiros, cria um clima de restauração e dinamismo econômico no País e vai oxigenar as economias estaduais.

O ministro das Relações Exteriores, Celso Lafer, disse que o acordo, além de normalizar as relações do Brasil com o sistema financeiro internacional, representou uma manifestação de confiança no País". Ele frisou que "o Governo tem um projeto e uma proposta de política econômica" e que o ministro da Economia "deixou evidente que não há possibilidade alguma de um novo choque".

O ministro da Educação, José Goldemberg, acha que "o acordo rompe barreiras de vários anos, melhorando o fluxo de empréstimos a bancos internacionais, que vai possibilitar, por exemplo, a compra de um supercomputador do Japão, no valor de 30 milhões de dólares, para o Instituto Nacional de Pesquisa Aeroespacial".

Para Carlos Reis, presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro o acordo representa "a normalização das relações do Brasil com a comunidade financeira internacional, no caso do mercado de capitais, isso não é suficiente, entretanto, para estimular os investidores estrangeiros, já que falta ainda uma solução para a crise política e a aprovação da reforma fiscal".

Embaixador dos EUA conta com interesse internacional

Marcos Magalhães

O embaixador dos Estados Unidos, Richard Melton, classificou ontem o acordo para a renegociação da dívida externa brasileira com os bancos privados como um "passo muito positivo". Ele acredita que a regularização das relações com a comunidade financeira deverá elevar o interesse de empresários estrangeiros pelo País.

"Este era um dos sinais aos quais os investidores internacio-

nais estavam muito atentos", disse Melton ao Jornal de Brasília, antes de uma audiência com o secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores, Luiz Felipe de Seixas Correa, no início da noite de ontem.

Na opinião do embaixador, o acordo da dívida deve ter um "impacto positivo" sobre os investidores do mundo inteiro. Richard Melton procurou descaracterizar o acerto como um tema das relações

bilaterais. Ele lembrou que os bancos dos Estados Unidos respondem por apenas um terço do total dos débitos brasileiros com instituições privadas. Por isso, ele preferiu não vincular o acordo a uma eventual melhora nas relações entre os dois países. O embaixador afirmou também que a situação brasileira não pode ser comparada à do México e da Argentina, há pouco tempo. "O Brasil é um país único, cuja dimensão fala por si mesma".